



ALTERIDADE E SENTIMENTOS POLÍTICOS NOS VESTÍGIOS DA MEMÓRIA DE ERNANI REICHMANN: BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO

Gilvani A. de Araujo¹

“Aqui me encontro sem história, para poder escrever com todo o meu ser (presente, passado e futuro) a tua própria história” (REICHMANN, 1981, p. 210).

Os vestígios da memória individual possibilitam interpretar sob outra ótica os acontecimentos políticos que tomaram lugar na história, não mais pela ótica oficial. Em seu lugar o olhar subjetivo e parcial dos fatos – nem por isso, intersubjetivo e plural – movimentam sentimentos complexos e revela estruturas organizadoras do discurso que retrocedem a esquematismos como: o *oferecimento de um discurso ao herói, pelo poeta*.

Isto nos leva a problematizar, com Pierre Ansart², se a política não é o local mesmo destes discursos comovedores. Há na biografia política uma predominância de marcadores modais, mas também sentimentais e afetivos, que aproximam personagens das mais diferentes origens sociais.

Em um primeiro momento, cabe *informar alguns dados biográficos sobre as vidas paralelas de Bento Munhoz da Rocha Netto (1905-1973) e Ernani Corrêa Reichmann (1920-1984)*. Se há um paralelismo entre suas vidas, ele se constitui por referência a um pano de fundo político. A relação que os aproxima começa na Universidade Federal do Paraná, em meados de 1950, ambos professores desta instituição. Não foram, todavia, as afinidades docentes que os aproximaram e supomos que, muito menos, as acadêmicas. Pois Munhoz da Rocha declarava-se tomista, enquanto Reichmann, menos conhecido, vivia como um kierkegaardiano. Na verdade, foi a amizade política que despontou o interesse e levou Munhoz da Rocha a convidá-lo a ser seu Secretário de Governo durante os anos de 1951 a 1954.

Em um segundo momento, se faz necessário *reavivar algumas memórias políticas que demonstram o câmbio dos sentimentos e da alteridade entre estes personagens históricos*³, como

¹ Doutorando, PPGHIS-UFPR, Bolsista CAPES – gilvani.his@gmail.com.

² ANSART, Pierre. **Em defesa de uma ciência social das paixões políticas**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 33, pp. 145-162, 2001.

os que envolvem o **convívio** do Dr. Bento e Reichmann. São justamente as memórias que demonstram *um caráter subserviente* de Reichmann em relação ao seu amigo Munhoz da Rocha Netto. Há uma cumplicidade intelectual, uma empatia, entre ambos. Ernani não esconde a admiração pelo amigo mais velho. Suas anotações dão conta disso. Por fim, só nos cabe *reconhecer a existência de uma estrutura modal (Herói/Poeta) entre Munhoz da Rocha e Reichmann*. Pois, ambos assumem papéis que extrapolam o sentido literário de epopeia. Reichmann é mais que subserviente, é poeta – por isso dedica um discurso ao Herói.

Falando sobre duas biografias

Bento Munhoz da Rocha Netto nasceu em Paranaguá, a 17 de dezembro de 1905; já Ernani Corrêa Reichmann nasceu em Passo Fundo, a 03 de setembro de 1920. Ambas as trajetórias seguiram caminhos próprios, mas seu encontro define pontos importantes sobre o “convívio” e as relações políticas entre duas personagens que se imortalizaram clássicas para a história do Paraná. Tentarei problematizar o tema do *convívio* entre as duas personagens e analisar o *oferecimento de um discurso ao herói, pelo poeta*, sabendo que em grande medida trata-se de uma fórmula clássica – aquela, entre o poeta e o herói.

A capital paranaense foi o palco desse encontro que definiu o discurso e aproximou Munhoz da Rocha, o herói, ao recém-chegado Reichmann, nosso poeta em questão, às dependências da recém-federalizada Universidade do Paraná, nos idos da década de 1950. Os documentos não registram esse encontro e os diários pessoais não esclarecem como começou a colaboração e a amizade entre eles – talvez, na tentativa de documentar o que o tempo não sedimentou, valeria a pena deixar-se ouvir as memórias familiares que testemunharam essa proximidade, mas isto pode ser encarado como sugestão para outros desdobramentos, que não esse. Quero com isso alertar o leitor que ensaio a partir de uma visão autobiográfica, e me baseio nas anotações e impressões que Ernani Reichmann fez publicar em 1981 em seu *Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens*.⁴

A proximidade de ambas as biografias, ao menos retoricamente. Pois o primeiro era um homem de ideias definidas, pensador, intelectual, sociólogo e professor, além de tribuno admirável, marcou sua passagem com projetos de forte conotação cultural, sem perder de vista o programa

³ ANSART, Pierre. **Ideologias Políticas e Alteridade**. In. NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). Figurações do outro. Uberlândia: EDUFU, 2009, pp. 125-126.

⁴ Caberia um confronto mais direto com a documentação deixada por Bento Munhoz da Rocha Netto, entretanto por motivos espaciais e estruturais a própria proposta não foi possível realizá-lo. Não desconhecemos a necessidade de confrontar as fontes, mas para cumprir o objetivo deste ensaio achamos mais oportuno privilegiar apenas a reconstrução autobiográfica e memorialística do acontecimento por Ernani Reichmann.

social, base de sua plataforma política. Já o segundo era um “caboclo introvertido,” mas paradoxalmente, o mais “extrovertido” que se tinha notícia. Reichmann era um homem de características notáveis, pensador, intelectual, economista e professor, apenas flertou com a política, chegou a ser deputado⁵, mas logo deu-se por conta que era melhor ser fiel a si e cultivar a poesia de uma vida única e apenas sua.

Não tão clara essa proximidade, mas sujeita a problematizações, parece-me interessante olhar para o tema do encontro, por um lado a política e de outro, o universo intelectual da academia. Em vários momentos Ernani registra em seus escritos a importância política e as posições intelectuais que os aproximavam um do outro. Politicamente, Munhoz da Rocha representava aquilo que Reichmann jamais seria, que seu caráter soube unir e dar direção ao governo dos outros, enquanto ele apenas soube governar-se a si mesmo. Intelectualmente, segundo Reichmann, Munhoz era tomista e ele kierkegaardiano⁶, isso significa que eles tinham pontos de vista inteiramente diferentes. Mas nem por isso um deixou o outro, fato que percebemos pela relação epopeica no título a seguir.

O herói e seu poeta

O esquema romanesco que encontramos na idade heroica da biografia, nos ajuda a interpretar melhor a relação entre Munhoz da Rocha e Reichmann. Segundo François Dosse, a noção de herói atravessa a história profana e impõe-se mais recentemente a ideia de “grandeza histórica”⁷. Para ele, “cada época cria seus heróis e lhes atribui, quer sejam de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores.”

Os escritos de Reichmann cristalizam Munhoz da Rocha sob esta ótica, o retomam, além deste esquema, uma prática ainda mais tardia, que apresenta o herói pela ótica do poeta, cujo canto louva os feitos heroicos e sedimenta os valores que a admiração popular deve reconhecer. A ele é que o poeta dedica as suas odes e é através de sua escrita que o nome do herói vai eternizar-se.

Todavia, sabemos que Ernani tinha uma trajetória política própria, daí por diante passar a homenagear outro político, sob a condição de poeta, é um fato que exige uma compreensão mais profunda e motiva questionar essa função. Parece-me interessante e ao mesmo tempo reveladora a nota que citarei, ela é um fragmento de uma carta ao grande amigo e confidente, Clementino

⁵ Reichmann pertencia ao Partido Representação Popular (PRP-RS) e assumiu a cadeira de Deputado Estadual como suplente pelo seu partido, de 1949 a 1954. Pelo que tudo indica sua candidatura não chegou a receber votação expressiva (Dados da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul).

⁶ REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lirico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, p. 96

⁷ DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009, p. 151.

Schiavon Puppi. Nela Reichmann interpreta e polemiza sobre a sua condição de político ou de poeta:

Se como político falhei, era porque o poeta atrapalhava. Sabes lá, Puppi, o que é ver uma curva do rio Uruguai e depois ter que fazer um discurso “para” convencer os eleitores a votarem na gente? Não será melhor, então, soltar o poeta para ver o que acontece? Poderá o poeta conquistar o “povo” que o político não foi capaz de conquistar? Que graça, heim Puppi? Que graça nesse verbo (conquistar) e não está mal empregado aí.⁸

Para além do esforço de conquistar o povo, através de uma linguagem que o traía constantemente, começa a ficar transparente para ele que sua postura era muito mais compreensiva à poética da vida, do que ao convencimento que a conquista política exige.

Alguns questionamentos ampliam nosso objetivo e completam a compreensão através da problematização. O encontro com Munhoz foi decisivo até que ponto? Decisivo para quê? Como o herói e o poeta podem reconhecer-se como tal? O que determina suas verdadeiras essências?

Essas perguntas começam a ser respondidas e a fazer sentido quando lemos uma outra anotação relegada por Reichmann. Nela Ernani chama a atenção para o metronômo de Bento. Aquilo que ele não havia conseguido através de seus discursos ao povo riograndense, Bento exibiu com maestria ao povo paranaense. Ernani nos conta que,

Foi quando o doutor Bento recebeu o título de cidadão honorário de Curitiba. As palavras do seu discurso saíam a custo, mas como eram duras, incisivas, verdadeiras, convincentes, plenas de sentido! O que mais me chamou a atenção foi o metrônomo com que o doutor Bento media as suas palavras (ao elevar a mão) e confirmava o pensamento (ao abaixar a mão). Foi um ritmo que pode ser taxado de monótono, mas que substituiu perfeitamente o papel, para um homem público da sua envergadura. Foi uma lição original a dessa noite.⁹

A postura e a oratória de Munhoz fascinam Ernani e o motiva a expressar o temor que o discurso duro, incisivo, verdadeiro e convincente causam, nele próprio. Toma o acontecimento como uma verdadeira aula de retórica política plena de sentido.

Além disso, alguns sentimentos completam a atmosfera do discurso, falam muito sobre o poeta: uma necessidade básica cujo sentido parece modelar o interesse amplo pelos feitos grandiosos, porém inteiramente determinada pela aceitação do herói, assim,

Quando sentirá mais alegria o herói? Ao saber que tem como poeta um escravo, o seu escravo, ou um homem livre, livre de toda liberdade? O poeta tem que ser livre, demonstrar que é livre, só assim o herói poderá orgulhar-se dele. Ele é seu poeta porque quer ser o seu poeta, mesmo reunindo todas as possibilidades em contrário. Eu, se fosse herói, não queria

⁸ REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, 216.

⁹ *Ibid.*, p. 319.

ter como poeta um escravo mas um homem livre, que cantasse os meus feitos e, ao mesmo tempo, mostrasse que é livre, superior, alto, muito alto.¹⁰

Reichmann elege-se na condição de amigo, e também na de poeta. Mas não qualquer poeta, ele é livre de qualquer amarra por que é fiel a si mesmo e sobre esta ausência de condição vive a liberdade completa, não encara o “Dr. Bento” como um adversário, de outro modo admira suas realizações porque compreende sua vida. Não obstante, podemos dizer que há vínculo de submissão? Talvez haja! Porém, não submissão no sentido que “um escravo” enfrenta, o poeta é submisso apenas ao seu discurso, daí ser livre para cantar os feitos heróicos – uma lógica do dizer percorre a ação poética e somente nesse sentido o submisso pode falar.

O convívio ao lado do herói cria um forte laço que alcança sua saturação máxima na inspiração poética, sua natureza é demonstrada a todos não pelos seus atos, mas pela narrativa, que segundo Benjamin é uma arte em vias de extinção¹¹, e que somente é feita por aquele que conhece profundamente o dia a dia do herói, pois é uma arte de intercambiar experiências. Neste caso o poeta, além de amigo, é seu braço direito. Ernani acompanhou Munhoz da Rocha durante todos os momentos de sua campanha ao governo do Estado do Paraná, em 1950.¹² E, ao seu lado esteve como Secretário de Governo de 31 de janeiro de 1951 até a sua renúncia ao governo em 03 de abril de 1955.¹³

Bento Munhoz chega ao governo do Estado em 51, apoiado numa ampla coligação de partidos, disposto a por em prática o seu slogan de campanha, “a dignificação da função pública”.¹⁴ Tomou posse a 31 de janeiro e constituiu o secretariado à imagem das forças que sustentaram sua candidatura (PR, UDN, PTB, PSP e PRP). Ao assumir o governo, o estado encontrava-se em franca expansão de suas fronteiras agrícolas, com enorme movimento migratório, mas com escassez de estradas e redes armazenadoras. Dispensou, por isso, máxima importância aos projetos rodoviários, iniciando a pavimentação de algumas rodovias estratégicas que modelaram a malha viária do Estado.

Cuidou das obras de energia elétrica (foi em seu governo que entrou em fase final o planejamento da Usina Capivari-Cachoeira e em concorrência a Usina Termoelétrica de Figueira), reaparelhando as pequenas unidades existentes, de forma a minimizar a dificuldade do setor. Construiu unidades escolares, centros de saúde, casas rurais, postos de puericultura e outros

¹⁰ *Ibid.*, 242.

¹¹ BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras escolhidas*, vol. 01. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197.

¹² REBELO, Vanderlei. **Bento Munhoz da Rocha**: O intelectual na correnteza política. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005, p. 137.

¹³ *Ibid.*, p. 165.

¹⁴ *Ibid.*, p. 147.

melhoramentos básicos. Criou o Fundo de Equipamento Agro-pecuário, o serviço especial de Zootecnia, estimulou o reflorestamento e o cooperativismo. Disciplinou o processo de concessão de terras devolutas do Estado, que tanto desgaste impôs ao governo anterior (de Moisés Lupion), sob novos critérios, mediante rigorosa ordem cronológica, tombamento e exame dos requerimentos e verificação das posses.

Mas os fatos mais marcantes de sua trajetória como Governador do Paraná, são também aqueles em que Ernani o saúda como responsável e definidores de seu caráter, que aliás soube melhor do que ninguém doá-lo a identidade paranaense. Coloco-me a listá-los agora: a construção do Centro Cívico, em Curitiba, com a função de centralizar um conjunto de edifícios destinados a abrigar a administração pública do Estado; o Palácio Iguazu, atual sede do Governo; a Biblioteca Pública do Paraná e o Teatro Guaíra. Todos inaugurados durante os festejos do Centenário da Emancipação Política do Paraná, foram os pontos altos de sua ação governamental.¹⁵

Esse breve resumo nos ajuda a compreender a importância e o esforço da reconstrução mnemônica do discurso realizado por Reichmann em homenagem a

“O herói (dr. Bento)”

Procurei reconstruir (de memória – mas não será lembrança?) algumas palavras que dirigi ao dr. Bento, num almoço que lhe oferecemos e saiu isto (se usei da memória para me lembrar da saudação, isso não é memória, é lembrança – e talvez, por isso, é que consegui me aproximar tanto do original que não está comigo).¹⁶

A escolha por registrar um quadro único em que o poeta, com toda a sua força lírica, declara-se ao Herói. A reconstrução mostra que “o herói cristaliza em si uma simbolização coletiva”.¹⁷ Sobre essa dimensão simbólica o sociólogo durkheimiano Czarnowski possibilita uma chave interpretativa suficiente para pensar o sentido dos argumentos do poeta, i é, “o herói é um homem que conquistou ritualmente, pelos méritos de sua vida [...], o poder efetivo próprio a um grupo ou a uma coisa de que é representante e cujo valor social básico personifica”.¹⁸ Assim, pelo sacrifício voluntário, ele *dá existência ao valor que motiva como princípio transcendente*. A passagem é longa, mas acredito que vale a pena citá-la na íntegra. Reichmann discursa, na ocasião do jantar que,

¹⁵ *Ibid.*, pp. 233-260.

¹⁶ REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, p. 246.

¹⁷ DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009, pp. 151-152.

¹⁸ *Ibid.*, pp. 152.

“A missão que me foi confiada neste instante, dr. Bento, é a mais difícil que já me confiaram em toda a minha vida. É que não se trata de homenagear nem o chefe de Estado, nem o amigo, dr. Bento. Nem o chefe de Estado que tornou o Paraná tão diferente na sua fisionomia nestes últimos anos, pela obra que realizou, de tanta presença, que a palavra se torna desnecessária e nem o amigo, dr. Bento. Mas por que nem o amigo? Nem o amigo, porque o amigo homenageia-se com uma música, quando as palavras não alcançam exprimir aquilo que gostaríamos tanto de exprimir ou com uma lembrança, que fala por si, ou... Mas, há tantos modos de homenagear um amigo! A missão que me foi confiada neste instante, dr. Bento, é mais difícil que já me confiaram em toda a minha vida: é que jamais o poeta poderá dizer ao ‘herói,’ àquele que não pode senão admitir, amar, alegrar-se com ele,” a não ser a uma distância extraordinária, tudo o que sente diante sua grandeza. Diante do herói somente o silêncio, dr. Bento. Tudo o mais é violência que o poeta faz contra si mesmo. Mas era preciso prestar-lhe uma homenagem, não minha, mas de todos aqui presentes, que todos que o homenageiam são seus poetas, dr. Bento, de um modo ou de outro e eu me fechei no meu quarto... Eu me fechei no meu quarto e vi os anos passando. Passando quais nuvens batidas pelo vendaval... Eis o Guaira iluminado em todo o seu esplendor! É uma noite de gala, dr. Bento. Comemora-se o Centenário da instalação da Província. Alguém (é o seu poeta, que o sr. Sempre terá poetas!) do palco do grande auditório, dirige-se aos presentes: “Ele foi grande porque nos legou este Teatro, a Biblioteca Pública, o Palácio Iguazu, e... Ele foi grande porque foi um autêntico chefe de Estado, deixando o Paraná numa situação muito mais elevada do que aquela em que o encontrou, mas ele foi maior porque deu fisionomia, deu caráter ao Paraná, diante do país, diante do mundo, do universo e de Deus. Mais do que um chefe de Estado, foi um homem de caráter. Seu caráter, soube transmiti-lo ao seu Estado. Ele é o próprio Paraná, consciente de sua glória e da sua presença. Glória e presença de Bento Munhoz da Rocha Netto”.¹⁹

O discurso de Ernani lança luz sobre a relação entre o homem público e o homem privado. Entrementes o “Dr. Bento”, a imagem do herói romanesco exhibe, aquilo que o poeta apenas pode cantar e homenagear através do oferecimento de um discurso. “Aspirar à glória é ter consciência de pertencer à história da humanidade cultural (que pode ser a de uma nação), é validar e construir a vida na certeza da humanidade, é crer e crescer no outro e pelo outro, não no eu e pelo eu”.²⁰

Isso explica a angústia vivida pelo poeta. Pois ele sabe que seus monumentos eternizam apenas a memória, enquanto os feitos do herói eternizam o próprio tempo, basta olhar o “Guaira iluminado em todo o seu esplendor!”, ficarão para a história paranaense as “ações governamentais” do Dr. Bento. Mas a memória privada que testemunha, os dias e as noites que o poeta passou em profunda solidão em seu quarto, essas sim permanecem no silêncio, o mesmo silêncio que encerra os paranaenses sob uma mesma ótica unilateral e quantitativa apenas.

Um Kierkegaardiano no Palácio do Governo

“Troçaram muito do governador por existir um kierkegaardiano no Palácio do Governo”.²¹

¹⁹ REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens.** Curitiba: [s. n.], 1981, pp. 246-248.

²⁰ DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida.** São Paulo: Edusp, 2009, p. 154.

²¹ REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens.** Curitiba: [s. n.], 1981, p. 96.

O silêncio possibilita uma solidão intelectual profunda. Ambos, “silêncio” e “solidão,” eram posturas marcantes para a trajetória do kierkegaardiano Reichmann, ensinou a ele o valor de encontrar-se a si mesmo e a compreender em profundidade o outro, mas no fim das contas o que está em jogo não é o outro – buscado pelo homem público –, mas o em-si-mesmo que o governo de si favorece.

Por isso Reichmann se intitulava “se alguém perguntasse, agora, o que sou, eu diria, muito simplesmente: anarco-espiritualista”.²² Pois, enquanto político preferiu estar ao lado daqueles que melhor representavam seu ponto de vista e cuja maneira de ser indica um caráter elevado, resultado do convívio com aqueles que todos os dias silenciam-se para a história. Mas, enquanto poeta, nunca deixou de louvar os valores que ensinam ao homens e mulheres a identificar uma existência autêntica e comprometida.

Ernani acompanhou o amigo e chefe de Estado durante o tempo que foi necessário. Suas recordações dão conta de muitos momentos marcantes, nos mostram uma colaboração quase que anônima, mas que não passou despercebida pelos que cercavam Munhoz da Rocha. Como nos indica Ernani, muitas pessoas faziam troça por haver no Governo um kierkegaardiano. Vale a pena observar um destes momentos, registrado pela fotografia:



²² *Ibid.*, p. 306.

Na ocasião Munhoz pleiteava uma cadeira na Assembleia Legislativa do Paraná; os resultados foram favoráveis, fato que o conduziu àquela casa como deputado estadual em 1959. A amizade nunca foi interrompida, a colaboração ganhou novos rumos apenas, fato que retomaremos logo mais. Percebe-se que a projeção de Reichmann foi tal que ele não deixou tão cedo os quadros funcionais do Estado. Trabalhou ora como Assessor técnico, ora como Secretário de Governo, ora como Economista, ao lado dos Governadores Antônio Anibelli (1955), Adolpho de Oliveira Franco (1955-1956), Moysés Lupion (1956-1961), Ney Braga (1961-1965), Jayme Canet Junior (1975-1979).

Editora ER

A colaboração política entre Munhoz da Rocha e Reichmann, sem mencionar outros políticos que também souberam aproveitar positivamente dela, não se resumia apenas a despachos, assessorias econômicas e redação de discursos (na condição eximia de *ghost-writer*). Reichmann passou a cogitar a função de “Livreiro-Político,” não apenas pelos comentários de seus amigos, mas também pela vasta experiência nas áreas: “como, há poucos dias, o Pupo ao me dizer que eu deveria ser livreiro, o doutor Bento me surpreendeu, ontem (4.5.56) ao me dizer que sou político e que me conduzo como tal”.²³

A pedido de Munhoz da Rocha, Ernani foi consultado sobre a ideia de publicar algumas obras suas. Ele registrou em seu *Inéditos* a carta entregue ao Dr. Bento na ocasião. Passo a leitura na íntegra, sem cortes e nem interrupções:

Sugestão (6.5.56)

Pela primeira vez em minha vida, dei hoje (e dei por escrito) uma sugestão. É que o doutor Bento quer publicar os seus discursos, ensaios, etcoetera, evitando essas denominações (que tornam tão esclerosada a coleção “Documentos Brasileiros” de José Olympio), que servem apenas para mumificar, ainda vivos, tantos homens ilustres deste país. Eis o inteiro teor da minha sugestão, que concluí não faz cinco minutos: “Doutor Bento! Para as mensagens e discursos, sugiro os seguintes títulos: 1º - Convívio e Liberdade (para as mensagens ao Paraná); 2º - Convívio e Autoridade (para os discursos de Governador) e 3º - Convívio e Responsabilidade (para os discursos parlamentares).

O termo convívio exprime mais do que um contato, permanentemente reiterado, com o povo do Paraná. Nele, também, tem a palavra democracia, o seu melhor sinônimo, isto é, aquele que a substitui pelo sentido (seu discurso na Câmara de Vereadores de Curitiba).

Os termos liberdade, autoridade e responsabilidade definem integralmente este convívio que se trata nos três volumes das mensagens e discursos. A unidade de toda obra é dada pelo termo proposto, que agrupa todas as suas atividades pelo convívio, “conditio sine qua non” do político, do chefe de Estado, do professor (principalmente a deste, reiterada pelos outros)...

²³ *Ibid.*, p. 318.

Quanto aos demais termos: liberdade significa não só o “reconhecimento dos direitos da pessoa” mas, também, a capacidade de rebelar-se contra os privilégios. A eleição de 1950, no Paraná, foi uma demonstração disso.

Autoridade, que não é mandonismo (seu discurso no Palácio São Francisco em janeiro de 1952) propagada sempre, pois consiste no reconhecimento dos limites do poder e na afirmação dos direitos do governados.

Responsabilidade, que é de todos perante à lei e que, sendo de todos, só pode ser expressa de modo total, absoluto, pelo legislativo no qual todo o povo se faz presente, organizado como poder (por sua vez responsável perante o próprio povo).

Tudo isso poderia parecer muito seco, muito duro, pouco poético, mas aí está a palavra mágica “convívio”, a despertar lembranças estabelecendo logo entre o leitor e o livro uma simpatia, que é poética... Além disso, é muito grande o seu poder sugestivo. O leitor possível ou, em disponibilidade, e desprevenido, por isso, vê o livro e fica logo curioso para saber o que é. De que convívio se trata, assim, junto de termos tão juridicamente conceituados. Penso que, deste modo, não desmentirá o título, o quantum de poesia que surge de certos de seus discursos, precisamente aquilo que o mantém no alto, sem respirar, em frases longas de desesperar o ouvinte, como muitas vezes sucedeu comigo, ao pensar que o senhor perderia o fôlego, esquecido de que o ar que o senhor respirava lá em cima era puro oxigênio, ao contrário do pó que respirava eu aqui embaixo, etcoetera.

Assim o termo convívio precedendo aos demais:

1. Exprime a unidade intrínseca a todo o seu pensamento;

2. Serve de palavra mágica para estabelecer a relação, o entre, como diria Martin Buber, ou a simpatia do leitor para com o livro e do leitor para com o outro leitor, sendo o livro, neste último caso, a própria relação.

X

Para os ensaios e perfis, sugiro o título: Lições do Convívio I e II. O 1º (em dois vols.) com o subtítulo “Ensaíos” e o 2º com o subtítulo “Perfís”.

Como exmplo do acerto da presente sugestão (meu ponto de vista pessoal, exclusivo), invoco, para o 1º o seu ensaio (sem título) sobre o “IF”, de Kipling e, para o 2º, o trabalho sobre o doutor Caetano, intitulado: “Alguns traços da personalidade de Munhoz da Rocha e um capítulo de sua vida”.

Finalmente, gostaria de esclarecer-lhe que foi lendo este último trabalho que a palavra “convívio” adquiriu a plenitude de sentido que dela eu esperava: do convívio com seu pai e com o povo, por intermédio daquele, primeiro e, depois, diretamente, surgiu toda a sua experiência e alicerçou-se a sua conduta, exemplo para muita gente.

Eis o trecho no qual o senhor usa o termo convívio: “Por nada no mundo eu lhe daria a ler algumas páginas em que registrei impressões de nosso ‘convívio’ nos últimos anos, porque, por nada no mundo, eu lhe mostraria que sofri com ele”. Com um abraço, do Reichmann.

Post Scriptum: - creio, doutor Bento, e isso pode ser dito num PS que, ao caracterizar assim a sua obra, o senhor dará um caminho para os seus biógrafos (entre os quais pode estar este seu amigo, se a minha saúde puder contra a sua ou se me for permitido escrevê-la, ainda em vida do biografado) e facilitará o trabalho dos prefaciadores dos livros acima, se os houver.

24

Gostaria de comentar três pontos principais do documento. Primeiro, a sugestão para os títulos. Segundo, a questão editorial. E, terceiro, o Post Scriptum final.

A sugestão para os títulos fornece provas substanciais para a hipótese que sugeri na seção sobre *O herói*. Quero dizer, na verdade, que a palavra convívio demonstra o sentido poético evocado e cantado em muitas ocasiões por Reichmann. O convívio com o pai e o povo paranaense foram as medidas necessárias a erigir um vulto heroico como o da estatura de Bento Munhoz da Rocha Netto, que em ações soube traduzir a vontade paterna e popular construindo e dando caráter

²⁴ *Ibid.*, pp. 321-325.

ao Paraná, sem nunca perder a visão progressista e, ao mesmo tempo, o cuidado com as bases populares.

As palavras seguintes – Liberdade, Autoridade e Responsabilidade –, revelam o caráter e as ideologias vividas e defendidas por Munhoz no plano político mas ao mesmo tempo, denunciam a tomada de posição de Reichmann. Cada uma dessas palavras mereceria um estudo acurado sobre elas, temo não ter espaço para isso – mas nada impossibilita investigar o paralelo bastante revelador em outro momento.

A questão editorial revela-se outra problemática própria e quase insolúvel, aqui apenas levantarei algumas informações para tentarmos avaliar os motivos do pedido de sugestão feito por Munhoz da Rocha ao amigo Reichmann. Ernani tem uma grande produção intelectual, da qual Munhoz conhece boa parte, principalmente suas lutas e batalhas para ser publicado por algum editor interessado em seus muitos escritos. Para publicar suas 67 obras, sem mencionar as traduções, houve muita dor de cabeça e pouco interesse editorial.

Sabe-se que a maior parte dos escritos ou foi publicado independentemente, pelos editores JR ou ER; ou semifinanciado pela Editora Universitária da UFPR. No primeiro caso, JR e ER designa o próprio Reichmann enquanto Editor: “JR” são as iniciais do nome do pai dele, “Joaquim Reichmann”; por sua vez, “ER” são as iniciais de “Ernani Reichmann.” Foram muitas as reuniões em que Reichmann solicitou ao Conselho Universitário a apreciação com vistas à publicação de seus escritos pela Editora Universitária, mas na maior parte delas o Conselho autorizava apenas o uso da gráfica e a doação do papel, cabendo ao próprio escritor as custas restantes. A partir disso o comentário de Reichmann a seguir, passa a ser significativo:

Jamais publicar seja o que for nas grandes editoras, fora de Curitiba. Não me escravizar, jamais. Publicar somente o que eu mesmo puder publicar. Curitiba tem tudo o que eu preciso, a começar pelo clima: o azul da Grécia e as brumas do norte. O meu palco, se palco deverei ter, será sempre Curitiba. Vejam-me, se quiserem, e se não quiserem, será a mesma coisa... Nunca deixar-me (mas como isso é tentador ao início) “ericoverissimizar”.²⁵

Logo, a dúvida que permanece é: foram de quem, Munhoz da Rocha ou Reichmann, as custas e a intenção de publicar as obras escritas pelo Dr. Bento? Pois em sua maioria, são editadas pela Editora ER, com os títulos: *Perfis*²⁶, *Itinerário*²⁷, *Mensagem da América*²⁸, *Tinguis*²⁹ e *Ensaio*³⁰.

²⁵ *Ibid.*, p 202.

²⁶ ROCHA NETTO, Bento Munhoz. **Perfis**. Curitiba: Editora ER, 1960.

²⁷ ROCHA NETTO, Bento Munhoz. **Itinerário**. Curitiba: Editora ER, 1961.

²⁸ ROCHA NETTO, Bento Munhoz. **Mensagem da América**. Curitiba: Editora ER, 1962.

²⁹ ROCHA NETTO, Bento Munhoz. **Tinguis**. Curitiba: Editora ER, 1968.

³⁰ ROCHA NETTO, Bento Munhoz. **Ensaio**. Curitiba: Editora ER, 1969.

O PS final indica os motivos para que Reichmann tenha tantas anotações sobre Bento Munhoz da Rocha Netto, mas também demonstra que o herói é um alter-ego do poeta. Isso revela que fazer sua biografia é ao mesmo tempo fazer uma autobiografia. O Dr. Bento era na vida política o que Reichamnn era em sua vida filosófico-literária. Para concluir, quero chamar a atenção para

As diferenças

A primeira diferença diz respeito ao poeta e ao homem que vive a poesia:

O que vive como poeta, não podendo se resguardar e, consigo, à sua poesia, das coisas pequenas (e das coisas sórdidas) da vida... O que vive como homem (mas, que é poeta) podendo dedicar os melhores momentos de sua vida à poesia – deixando as coisas pequenas (e as coisas sórdidas) para o homem... É precisamente por isso que certos poetas parecem tão medíocres, tão... E certos homens tão grandes, tão...³¹

A segunda, sobre sentir e compreender a poesia – ou não:

Noutro tempo, os poetas escandalizavam por sua vida, seu entusiasmo, seus excessos – mas sua poesia era compreendida, era sentida... Hoje, os poetas são como todos os homens e alguns até grandes comerciantes, homens de negócios – mas sua poesia não é compreendida, nem sentida. Ser poeta sem escândalos e sem empresas...³²

Ambas as diferenças denotam o sentido profundo e a mudança estrutural em relação ao heroísmo e à poesia na política.

³¹ REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, pp. 313-314.

³² *Ibid.*, pp. 316-317.